

***ISTO TAMBÉM PASSARÁ*, DE ANGELA LAGO**

LAGO, Angela. *Isto também passará*. Belo Horizonte: Baobá, 2014. 120p.

*Maria das Graças Fonseca Andrade**

Tendo habitualmente seu nome ligado a trabalhos de Literatura Infantil ou ilustrações de livros, pelos quais já foi premiada, a escritora Angela Lago presenteou-nos recentemente com um livro cujo título é *Isto também passará*.

O livro consta de 53 textos, sendo alguns mais curtos (algumas vezes apenas três linhas) e outros um pouco mais extensos (com até vinte e uma linhas), mas jamais excedendo uma página inteira para cada texto.

Na ficha catalográfica o livro é classificado como “Literatura Juvenil”. Ah, os rótulos! Eu apenas diria que os textos são breves e que se trata de boa literatura, capaz de agradar desde jovens a adultos e também idosos. Mas, se é que não se trata de Literatura Infantil, não se pode dizer, contudo, que não haja no livro um olhar para a infância, um

* Doutora em Letras: Literatura Brasileira pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Professora Titular da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb).

olhar infantil, no sentido de “novidadeiro” (como nos diz Clarice Lispector), espantado com o encantamento; não podemos dizer que não haja um narrador que se identifica com as crianças:

Cheguei ao auditório da escola. As crianças, já assentadas, balançavam as pernas nas cadeiras que eram altas para o tamanho delas. Senti este misto de alegria e tristeza que chamamos ternura e que talvez seja empatia. Comigo até hoje é assim: meus pés nunca alcançam o chão. (LAGO, 2014, p. 71)

Trata-se, como é possível constatar muitas vezes, de uma narradora que perde sua face, presumivelmente adulta e madura, e se identifica com outras naturezas, inclusive com a infantil: “Perdi meu rosto andando pela rua, enquanto espiava quem passava. Foi bom. Fiquei leve. Ri com a boca de quem ria. Depois fui cachorro, passarinho, árvore. Quando voltei para casa era menina, menina.” (LAGO, 2014, p. 97)

Mas, se esta narradora é capaz de se identificar com as crianças e com o universo infantil, em vários momentos ela reconhece que há um tempo decorrido e fala da infância como quem rememora:

Aos doze, treze anos, acordo no meio da noite na fazenda. Saio, pé ante pé, com as luzes apagadas. Só a porta range, ao abri-la. Eu olho o céu deslumbrante. Mal percebo que na soleira meu pai já me espera. Sei que tinha uma arma, mas não me lembro de vê-la. Lembro um homem indefeso.

– Achei que era um ladrão. Poderia ter te matado, filha. Mas aos poucos ele volta ao jeito dele – Vamos, entra! E não se fala mais nisso!

Ai, meu pai! Dei para usar a mesma frase: não se fala mais nisso. Que truque! Que pacto! Atrás fica uma noite ou um mar inteiro. (LAGO, 2014, p. 99)

A verdade é que essa narradora carrega consigo uma vida, parte de sua infância e mesmo sua velhice, por isso sua bagagem é grande, por isso não adianta comprar mala menor, como é possível constatar:

Não adianta eu comprar mala menor. Quando abro para arrumá-la, meus primeiros sete anos já estão lá dentro. Assim pesa muito. Mas a menina não sai. Comprei agora uma maleta bonita que abre para os dois lados. No que fui olhar, meus anos penúltimos pularam dentro também. Envelhecer dói feito crescer, “la mayor” explicou. Temos medo, falaram juntas, cada uma do seu canto. Fora não vamos! Agora me digam como posso viajar. (LAGO, 2014, p. 111)

Aqui, nós, leitores, defrontamo-nos com o fato de que a infância da narradora passou, como passa a de todos nós, mas que, de algum modo, ela permanece em nossa bagagem pessoal. Mesmo os derradeiros dias vividos seguem conosco “em nossa mala”. Se é verdade que “envelhecer dói”, é também verdade que percorrer o trajeto da vida nos traz sabedorias. Uma delas seria a sabedoria de levar conosco a criança que fomos? A adulta que envelhece? E para quê? Para que ambas convivam? Para que se dêem as mãos?

Deixo aqui a sabedoria de Salomão que aprendi nas páginas desse livro de Angela Lago: “Contam que Salomão tinha um anel mágico no qual estava gravado: “Gam zu yavor”, ou seja, “Isto também passará”. Daí sua sabedoria.” (LAGO, 2014, p. 69)

Sim, tudo passa, “tudo flui... – como já dizia a sabedoria de Heráclito, 500 anos a.C. – “nenhum homem pode banhar-se no mesmo rio por duas vezes, porque nem o homem, nem o rio são os mesmos”.

Aquela que escreve *Isto também passará* é do Rio, do rio de Heráclito, como ela mesma responde a um morador de rua:

- A senhora é de onde? (...)
- Do Rio.
- Não parece.
- Do rio de Heráclito. Entro de novo nas mesmas águas e elas são outras.
- Ah! (LAGO, 2014, p. 31)

Assim, aponto com meu dedo provisório esse livro de sabedoria e delicadezas, cheio de silêncios e estrelas. Devem lê-lo apenas se o quiserem, se forem também do rio de Heráclito, se quiserem “cobrir-se bem de flores nos dias mais frios”.

*Recebido em 17/12/2015.
Aprovado em 20/02/2016.*